



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

THAIS SOARES AMANCIO

**MEMORIAL
POR UMA DIVINA COMÉDIA, A TRAVESSIA!**

**RECIFE
2026**

THAIS SOARES AMANCIO

**MEMORIAL
POR UMA DIVINA COMÉDIA, A TRAVESSIA!**

**RECIFE
2026**

AGRADECIMENTOS

A Deus que me abençoou com essa oportunidade de estar estudando, reconhecendo meus limites e minhas qualidades.

A todo universo de luz infinita e energias positivas que me ajudaram até aqui.

Com todo amor, agradeço a minha família, ao meu professor orientador Mizael Nascimento por toda sua paciência, aos meus amigos Sálvio Moraes, Maria Gabriela, Eduardo, Poliane, Yasmim Vitória, Gabriel Rodrigues de Moraes, Sidcley Barbalho de Souza Junior, Raniere Tiburcio, que me fizeram continuar mesmo quando tudo parecia incerto.

A Keivilly, Leonardo que compartilharam comigo a experiência do Diretório Acadêmico de Letras.

Não poderia esquecer os vários dias na minha segunda casa na UFRPE – a Biblioteca Setorial – ao lado de Jaine Carolina da Silva e Maria Gabriela Santos Miranda, a quem agradeço pelas acolhidas.

Aos professores e professoras Dorilma Neves, Sherry Almeida, João Batista, Renata Pimentel, Maria Teresa Coelho, Iêdo Paes, Rebeca Duarte, Sandra Helena, Amanda Brandão, Vicentina Ramires e outros tantos professores que me ensinaram mais que conteúdos, me formaram como pessoa e profissional, sou grata por tudo que vivi e aprendi com eles.

Gratidão a Deus, ao Universo, a minha família nuclear e a minha grande família também (avós, primos, primas, tios, tias), amigas, amigos que me acompanharam durante todo esse percurso e, claro, aos meus encentrais por toda energia vital que carrego no agora.

Aos meus avós paternos, Maria da Penha Silva e José Amancio da Silva, *in memoriam*, que tanto me ensinaram sobre a vida e sobre o mundo.

SUMÁRIO

1. VÁRIOS PONTOS DE PARTIDA.....	5
2. O HOJE: PURGATÓRIO.....	9
3. O ONTEM: JÁ NÃO FAZ TANTO TEMPO ASSIM.....	12
4. OS SONHOS: AS CASCAS DAS HORAS.....	18
5. A TRAVESSIA: CAMINHANTE.....	20
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXOS.....	27

1. VÁRIOS PONTOS DE PARTIDA

Vamos começar pelo começo, caro leitor, nas minhas idas memórias, que remontam à infância numa pequena barraca de miudezas e até mesmo de sonhos de criança: pipas, pipoca, paçoca e, claro, Batom Garoto, e tudo mais que as crianças da época compravam para sentir o sabor de doce na boca. Minha querida avó, Dona Penha, uma senhora cheia de sol reluzente como ouro 18 quilates, o ouro do bom, segundo ela. Pela manhã, eu sempre estava na escola para onde todos os dias o meu pai me levava juntamente com minhas irmãs gêmeas menores, Mayara e Mylena, numa bicicleta de “entregar pão, do meu avô”. À tarde, garantida era a diversão entre a barraca e a sala da casa dela, assistindo às novelas mexicanas no SBT, com abertura em espanhol, sim meus caros leitores, sem tradução, e a emoção era tamanha que eu nem compreendia direito a importância da minha “voinha”. Conviver com ela até os meus 17 anos, com muitas histórias para contar, a displicente neta de Dona Maria da Penha era só festa para os seus afagos, cheia de coreografias *a la María la del Barrio*, *Rosalinda* e *La Usurpadora*.

Nem imaginava que anos mais tarde estaria terminando uma graduação em Letras Português /Espanhol na UFRPE. Dona Penha sempre me dizia: “minha fia, estude e trabalhe, viu? Marido é hoje não é amanhã. Você tem que ter seu trabalho!” Sábias palavras de Peinha, esposa de seu Zé Amancio do Coco, meu avô, e mãe de Francisco Amancio da Silva (meu pai) e Givanildo Amancio da Silva (meu tio). Ela tinha sido professora no interior (nos engenhos), pois tinha estudado até a quarta série em Macujê, distrito de Aliança (Pernambuco). Costureira de mãos cheias de sonhos e retalhos, de garra para trabalhar, ela é e sempre foi meu maior exemplo de determinação e conquista dos sonhos, uma mulher forte e reluzente, de olhos vivos, atentos e carinhosos que me ensinou mais sobre a vida do que qualquer outra pessoa. Cresci até meus 5 anos morando com meu exemplo vivo, até que me mudei com minha família nuclear para outra casa lá em BH (Bomba do Hemetério mesmo) e de retalhos e colchas eu nem entendo, mas ela sim sabia costurar sonhos, inspirações para além dos tecidos.

Tantos cortes de pano, tantas histórias do interior daquele “povo quadrado” (do tempo dela, dos quais enfrentou muito preconceito e capacitismo por ter tido paralisia infantil, ou poliomielite) e assim ela foi me influenciando a criticar as estruturas sociais impostas e todo tipo de limitação; o não para ela estava fora de cogitação, porque a fé sempre abriu as portas, porque a fé em Deus, Jesus, Nossa Senhora e na vida sempre abriu as portas, mas claro que a fé nela mesma, quando ninguém acreditava, estava lá também! E eu sou grata por ser herdeira do amor dela, do jeito comunicativo e alegre, da doçura e compreensão, das longas conversas e aprendizados, dos conselhos, das chamadas de atenção e de toda vez que o amor falava mais alto. Assim a neguinha de vovó cresceu e foi estudar História na UPE, campus Nazaré da Mata, para a qual passou no primeiro vestibular tradicional da UPE, a temida Covest. Após 3 anos de prova e lágrimas no seriado, veio o tão feliz 29º lugar geral da UPE, a aprovação foi de grande surpresa, mesmo estudando loucamente para passar no vestibular quando perdi a inscrição do ENEM. A menina de 16 anos, no terceiro ano de 2011, queria os cursos de História, espanhol, Dança e Filosofia, não dá para fazer tudo, temos de fazer escolhas, não é mesmo? E toda escolha gera uma exclusão, na qual possibilidades geram decisões e consequências; e assim foi. Fui parar em “Nazaré da Mata, berço de maracatu” onde dei meus primeiros passos para entender como funciona uma universidade, suas alegrias e dissabores.



 LISTA DE CLASSIFICADOS (OCUPAM VAGAS) VESTIBULAR - 2012 TRADICIONAL UNIVERSAL 				
CAMPUS NAZARE DA MATA				
CURSO 104 - Historia - Licenciatura				
1ª - ENTRADA				
			N - Noite	
INSC	NOME	DOCUMENTO	ESCORE	ORDEM CLAS
0541005610	MAIRA STREITHORST FIGOLI	7906754	51,402	29
0102565710	PABLO HENRIQUE DOS SANTOS SILVA	8240033	47,93	37
525099899	PEDRO PAULO GOMES SOARES	7218495	59,422	11
755355515	RAYANNE MELYSSA SARANDAO MELO DE SA	9020545	50,34	34
8519954491	ROBERTA SANTOS WALTER	8646440	52,02	26
5657575310	RODRIGO MENDES JULIÃO	7661016	53,305	23
0253515599	THAIS FERNANDA BEZERRA BRANDÃO	8623069	57,555	15
5255521005	THAIS SOARES AMÂNCIO	8755556	47,342	38
7481025557	THALES WALMIR DO ESPIRITO SANTO SILVA	7709869	52,868	25
5610099535	THOMAZ BARROS COSTA	8813174	49,652	35
9710151974	VICTÓRIA JUNQUEIRA AYRES LUCENA	8785462	68,422	2

Acervo pessoal: print do *Facebook* do dia 30 de dezembro de 2011

Num dos trabalhos mais emocionantes, estavam meu avô, seu Zé Amancio, Seu João Lopes e Seu Ilton Oliveira. Era um trabalho de História e Memória, fazendo uma grande trama na qual as memórias desses três amigos se cruzam, e com suas singularidades falaram de identidade, pertencimento e cultura. Seu Zé com o coco de roda junto com seu Ilton; Seu João Lopes com as lutas populares por melhorias para a Bomba do Hemetério, que não tinha escola nem luz elétrica e, muito menos, água encanada (tinha um chafariz de Seu Hemetério, daí o nome Bomba do Hemetério). Juntei esses recortes e as vidas e experiências desses senhores para um trabalho de uma cadeira chamada Prática VIII - História e Educação (uma abordagem de História e Patrimônio) em que aprendi muito sobre patrimônios, cultura e memória, que acredito serem essenciais para o ser humano, pois sem pertencimento, identidade e memória morremos vivos!

A partir da compreensão da memória individual, o próximo passo é estabelecer o que é a memória coletiva, a que ela se refere. Quando há uma lembrança que foi vivida por uma pessoa – ou repassada para ela – e que diz respeito a uma comunidade, ou grupo, essa lembrança vai se tornando um patrimônio daquela comunidade. As informações mais relevantes dessas lembranças vão sendo repassadas de pessoa a pessoa e vão constituindo a história oral de um determinado lugar, ou grupo. Essa memória coletiva, geralmente tenderá a idealizar o passado e, na maioria das vezes, estará vinculada a um acontecimento pontual, que será considerado o de máxima relevância (MIRANDA, 2019, n.p.)

As histórias do meu avô sempre me encantaram. Comadre Fulôzinha, como partilha de memória coletiva daquelas gentes do interior, e este repassar para mim e para as outras netas me fazia perceber o quanto era importante manter viva essa cultura e essa memória para ele e para a perpetuação daquela memória que não poderia ser esquecida. Se eu não desse atenção para aquelas narrativas, eu perderia um pouco de mim mesma e da minha origem familiar/genealógica, pois o nosso campo familiar é povoado de imaginário e de verdade. Assim sendo, saber sobre isso me faz também saber mais de mim, a oralidade natural era quase como uma viagem ao passado, com todos os personagens povoando a minha mente e o meu coração.

Aprendi naquele dia, com meu avô, que viveu numa sociedade ruralizada, que explorava o trabalho de maneira quase escravocrata, me trouxe uma grande compreensão da sociedade, na qual as más condições de trabalho eram alarmantes, além das constantes ameaças veladas ou diretas aos trabalhadores dos engenhos/usinas. Eram condições desumanas, pois trabalhar era sobretudo passar horas “tirando quadra de capim”, receber o que o dono da terra queria dar e ser obrigado a gastar o soldo no próprio estabelecimento do dono da terra. E é assim que o traslado dele de Macujê para Recife e de seu João Lopez, natural de Buenos Aires, se encontra na história e na vida. Seu João era estivador e carregava areia no Porto do Recife, e na mala dele, a Cultura Popular presente também nos cocos-de-roda do meu avô, lugar onde eu já dançava dentro da barriga da minha mãe – Suelane Soares Amancio. Vivendo, dançando, cantando e contando a História e as histórias, me formei em História, curso que me possibilitou conhecer professoras/es como José Maria Neto, Daniel Vieira, Susan Lewis, Kalina Vanderlei que me ensinaram mais que conceitos e teorias históricas, me incentivaram a estudar e me aprofundar cada vez mais na história.

Mesmo não tendo feito mestrado, foi um curso muito valioso para abrir a minha visão e ver que tudo é uma construção, nada é natural na sociedade. Marc Bloch, Todorov, LeFevre, Bauman, Chartier, Guarinello, Bobbio, D’Assunção Barros são alguns dos autores que mudaram minhas concepções que, pouco a pouco, se moldavam também com os/nos livros, como Meu destino é ser onça, a Eneida de Virgílio, Morte e vida Severiana, dentre outros tantos que tratavam da teoria da história, livros conceituais, historiográficos. Os livros também promoveram meu primeiro contato com grandes obras e seus autores: História da vida privada, de Ariès e Duby; Microfísica do poder, Vigiar e punir, História da sexualidade, de Michel Foucault; o Mal-estar da civilização, de Freud, entre tantos outros que não me vêm à memória, mas me forjaram como estudante e pensadora do meu próprio espaço, acadêmico ou não.

Dentro de todo esse arsenal teórico, posso compreender que questões como sexualidade, conceitos de teoria da história e também sociológicos me fizeram ser cada vez mais crítica com as chamadas “construções sociais”, pois o papel do historiador, segundo uma aula que eu tive com o professor Alberon Lemos, é

desnaturalizar as construções sociais e históricas. Assim sendo, estas devem ser estudadas e compreendidas a partir dos seus contextos históricos sem anacronismos, pois não devemos ler o ontem com as lentes de hoje; a História passa por um processo de transformações não de evoluções, pois não há uma linearidade evolutiva nesses acontecimentos e sim um grande processo transcorrendo no tempo e no espaço. Quanto às questões de poder, sexualidade dentre outras temáticas como a dos povos originários, penso que os autores citados acima são fundamentais para o entendimento e leitura de mundo, não só para historiadores, mas para quem se interessa em ler o mundo de forma elucidativa e relevante. Meu Destino é ser onça, por exemplo, é uma cosmologia Tupinambá, interessantíssima, no qual podemos enxergar o pensamento reconstruído desse povo originário. Acredito ser fabuloso revisitar esse texto e ver toda riqueza dele.

Já as alternâncias de poder/poderes são movimentos não só externos como internos, pois na sociedade em que vivemos, ainda machista e falocêntrica, Freud, Yung, Michel Foucault são muito interessantes para uma maior compressão dos corpos e valores dos mesmos a nível social. As questões das instituições normatizadoras, que muitas vezes apresentam uma grande influência não só na questão de estamentos sociais, mas na nossa validação interna e na necessidade da validação externa, liquidificando tudo isso, realmente me interessam leituras que me façam refletir, criticar e teorizar acerca do meio sociocultural, psicologia (subconsciente), emoções, processos psicológicos, História, Sociologia, Filosofia e demais leituras afins.

Importante também é ressaltar que minha rotina era curso de espanhol no Senac, de 2010 até 2012, Balé popular do Recife e, em seguida, no ano de 2013, estava matriculada na Escola de Frevo Maestro Fernando Borges, dança que sempre foi uma das minhas maiores paixões. Era a minha primeira opção de curso, mas como a adolescente de 16 anos perdeu a inscrição do ENEM, só lhe restou fazer o vestibular tradicional e o seriado da UPE.



Acervo pessoal: Dona Lindú, 2019, apresentação final de ano da Escola de Frevo.

2. O HOJE: PURGATÓRIO!

Confesso que desci até os 3 dos 9 círculos do Inferno de Dante (cenas dos próximos capítulos com reminiscências) e atualmente me encontro no purgatório, ou limbo, não é mesmo!? Minha escrita se aferra a uma, talvez, desistência. Enfim, é uma espécie de desistência, ou recomeço, mudança de rota, pois meu sonho era escrever sobre Mafalda, em espanhol, me ancorando na análise do discurso para discutir sobre o impacto de Mafalda nos seus leitores? O porquê ela nos inquieta, nos tira do lugar e nos remove do lugar, não só com humor, perspicácia, crítica social, mas com muita irreverência e genialidade ela cria conexões com crianças e adultos pensantes e tão irreverentes como ela. Personagem que descobri em uma prova de Português na extinta 5ª série em 2005. Nessa época me apaixonei por português, tinha um excelente professor que nos ensinava tanto português como

inglês numa escola de bairro, chamada Nossa Senhora das Dores (Tio Patinhas). Esse professor ao qual me refiro se chama Fagner e trouxe também para além dos quadrinhos uma música de Chico Buarque, “João e Maria”. Ao escutá-la, pensei como uma música pode ser tão polissêmica, não com essa linguagem de hoje obviamente, mas parei para refletir os significados enquanto fazia a prova.

– Ahhh português era divertido e de fácil compreensão, assim como o inglês, até que mudei de escola e vi que não era assim que a banda tocava, ou seja, depende não só do interesse, mas também do professor e de suas estratégias para dar aula. Meu antigo professor de português utilizava-se de metodologias ativas, centradas nos estudantes, e com brincadeiras, jogos, músicas, tirinhas fazia com que eu amasse cada vez mais aprender. E de forma fácil a semente do ser professora foi plantada na minha vida, assim como meu professor de história da 5ª série, Flávio Adriano, me inspirou com a história.

Voltemos ao presente, momento em que estou realizando ESO4 e cursando as disciplinas de TCC, Educação das relações étnico-raciais, Literatura Hispano-americana: da ilustração ao século XX, nas quais tenho me empenhado e dado o meu melhor. Confesso que as disciplinas que mais me estimularam foram as de literatura, tanto as de teoria como as de Literatura Portuguesa, Brasileira e Espanhola; a Linguística, a princípio, havia me ganhado, por suas noções históricas; por sua vez, fundamentos da educação, com a professora Rebeca Duarte, fez com que eu me sentisse à vontade a partir das leituras dos textos de Bell Hooks, Paulo Freire, entre outros. As avaliações eram as melhores possíveis: fiz um vídeo em grupo sobre educação afrocentrada, com fala e coreografia de “Refavela” de Gilberto Gil, feita por mim para pensar artística e teoricamente, o que me encanta e me eleva, já que combinar teoria e prática para mim tem uma função social imensa. Já a cadeira de metodologia de ensino das literaturas de língua portuguesa me fez reativar esse sentimento de teoria e prática na educação, pensando como infante quase professora (em formação no curso de letras). Luiz Rufino (2021), quando diz que precisamos descolonizar o saber, foi uma grande pedrada metafórica no pensamento porque, muitas vezes, ainda temos um ensino com currículo eurocêntrico e estamos no Brasil, um país imenso e multicultural, herdeiro de várias culturas, mas ainda com um pensamento centrado na herança

da colonização, que deixou marcas para além do sangue derramado, da violência física e simbólica. Nas palavras de Luiz Rufino (2021),

A educação, aqui lida como força de batalha e cura e é aposta para afugentar o assombro das injustiças produzidas pelo contínuo colonial. Ao ser despertada pelo hálito e pelo ritmo do diálogo, a educação desperta sensação de cisma, implicação, rebeldia, amor, fúria e liberdade. Aqui a educação é tratada com respeito, e compromisso com as aprendizagens que foram plantadas por muitas e muitos que vieram antes. Que possamos preparar nossas artes de cura e batalha e nos sagrarmos vencedores dessa demanda que insiste em nos espreitar (RUFINO, 2021, n. p.).

Um ensino decolonial, contra colonial, em suas várias formas e diferenças foi abordada pelo professor Wagner Lira, na disciplina de Educação das relações étnico-raciais, com importantes nomes como Nego Bispo, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, que marcaram o meu primeiro contato com esses importantes pensadores. Cabe aqui também o reconhecimento a Ailton Krenak (Ideias para adiar o fim do mundo) peça fulcral para o entendimento de um mundo moderno que inviabiliza e desautoriza comunidades tradicionais e povos de saberes originários. Do meu ponto de vista, todos esses conhecimentos formam o ser/sujeito e, para sermos bons professores, precisamos imensamente de todos esses repertórios, já que a criticidade, a formação de pessoas para uma sociedade requer não só conteúdos pragmáticos, mas também cidadania, respeito, tolerância, compreensão de que só não vivemos neste planeta, mas precisamos cooperar para vivermos melhor nele. Acredito que essa é a principal reflexão do ser professor: o que ensinar? Como ensinar? Para que serve a literatura? O português e outras matérias mais na escola, e na vida? Essas questões me remetem à seguinte reflexão de Candido (2011):

Portanto a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso a diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis [...]. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humano, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2011, 193).

Acredito que a educação realmente é libertadora. Não falo neste momento de ascensão social, mas sim de consciência e conscientização, uma vez que ela funciona também como uma janela para que o chamado capital simbólico (a cultura) seja efetivamente valorizado e posta em seu devido lugar de importância. Acredito que, quando valorizamos a educação e a arte para além do papel social e cidadão, está o papel de sujeito (ser vivente e ativo nesse mundo) atravessado por suas ideologias e por sua história, tempo, espaço e cultura, que é carregado de memórias, coletivas e individuais. Assim sendo, a educação liberta porque traz a consciência, ou deveria fazer isso, como papel social /coletivo e individual, trazendo um sentimento de pertencimento, identidade e reconhecimento, de onde se veio (família) e para onde se vai (o seu lugar no mundo).

3. O ONTEM: JÁ NÃO FAZ TANTO TEMPO ASSIM

Tudo começa no ano de 2021. Esse tudo ao qual me refiro trata-se da minha épica história na UFRPE, primeiro com aulas remotas, quando conheci meus amigos e colegas de curso: Sidcley, que sempre me apoiou e me deu um pouco de freio durante os aperreios cotidianos; Alan, sempre um doce; Manuzita, Marcilio, Laura Luiza, entre tantos outros no meio de 60 alunos matriculados no curso de letras daquele ano. Entrei como portadora de diploma. Ah, e foi difícil começar pela telinha do celular! As disciplinas de Linguística A, Teoria da Literatura I, Fundamentos de Língua Espanhola (a rádio em espanhol: amei demais esse trabalho) me proporcionaram momentos de muita tensão também, pois os meus colegas eram mais jovens (adolescentes) e eu na época já com meus 26 anos de idade, numa segunda graduação, mas não era a única. No mesmo barco, estavam Sidcley (filosofia), Marcilio, Pedro (mestre em geografia), Tiago Antunes (mestrando) e um monte de adolescentes recém-saídos do ensino médio que formavam uma grade miscelânea de idades.

As brincadeiras eram muitas e até, em certa medida, exageradas. Fizemos um contrato social com a professora Rebeca Duarte segundo o qual se fazia necessário respeitar as regras de convivência, ter empatia com os colegas etc. Porém de nada adiantou a tentativa da professora de melhorar a situação, tivemos oportunidades diversas de nos darmos melhor, mas a escolha coletiva era a

competição, o acirramento de opiniões e a necessidade de se demonstrar melhor que o outro. Cabe aqui esse desabafo exatamente porque mexeu muito com a saúde mental de muitos, justamente por também ter contribuído para minha quase desistência do curso. Me sentia numa arena romana, mas sem os carros de biga e, sim, com o estardalhaço das feras que eram atiradas na arena com os gladiadores, que era parte da política **pão e circo romana** (e aqui não falo só de história antiga, falo da realidade dura da rivalidade, muitas vezes, brutal de estudantes que se colocam uns contra os outros). Entretanto, afinal de contas, acredito eu que cada um compete consigo mesmo para ter os melhores resultados para si e para o melhor aproveitamento acadêmico; não existem perguntas idiotas (e sim perguntas de quem tem dúvidas), mas nem tudo é confusão!

Tivemos um excelente trabalho de Fundamentos de Língua Espanhola, em que a professora Aline utilizou a metodologia de enfoque por tarefas, segundo a qual cada grupo realizaria uma rádio de 30 min de duração, com vários programas, todos falados em espanhol. No meu programa, falei sobre as novelas mexicanas e inventei uma personagem chamada Helena Flores, uma entrevistadora que fazia perguntas a uma turista mexicana, especialista em filologia, em forma de bate-papo interessante sobre língua e cultura; tivemos também na rádio um programa de astrologia, anúncios de curso de línguas clássicas etc. Foi um trabalho maravilhoso e muito estimulante, eu mesma construí o roteiro dos meus programas e fiz as falas e as vinhetas em espanhol, ativando a minha criatividade e desenvolvimento no espanhol.

Na disciplina de Fundamentos da Educação, pudemos criar nossa própria mandala para falar sobre o momento atual e o que esperávamos do curso, além de discutir teóricos importantes de forma remota; discutíamos as temáticas das disciplinas em debates mediados pela professora. Já a disciplina de Linguística A, com a professora Sandra Helena, para mim era apaixonante com todas as referências históricas que citei anteriormente. Estudar as origens da linguística e o par *langue e parole* era para mim encantador.

Já o segundo período foi marcado por vários acontecimentos: a cadeira de Fonética e Fonologia, que tinha muito de sociolinguística com a professora Marcela Paim, era uma das cadeiras de que eu mais gostava, apesar de não ter muita

facilidade em fazer transcrições; posteriormente cursei uma disciplina que tinha por objetivo a sociolinguística, me empenhei muito porque achava a cadeira muito pertinente para professores em formação. Nela, trabalhamos com os 8 mitos, com base nos quais discutimos sobre o mito de que os brasileiros não sabem falar português, entre outras coisas do senso comum. Marcos Bagno, como carro chefe, foi importantíssimo para minha experiência, pois aprendi muito e super me identifiquei com tudo que estava aprendendo.

Sem falar na experiência de apresentar em um evento de sociolinguística idealizado pela professora Marcela Paim, cujos trabalhos desenvolvidos foram excelentes e trouxeram reflexões muito pertinentes para levarmos para nossas aulas no estágio, e discussões que nos fizeram pensar sobre a prática docente e o preconceito linguístico. Para além disso, essa cadeira optativa me deu oportunidade de trabalhar língua, linguagem, capital simbólico, preconceito linguístico, identidade e várias outras temáticas nos seminários apresentados.

E foi também no segundo período que tive que me afastar da UFRPE, por motivos de saúde, o que me deixou muito triste e temerosa, já que acabara de perder o período, reprovando por faltas. Vale salientar que, mesmo diante dessas dificuldades, sempre recebi o apoio do professor Iêdo Paes e, por sorte, quando retornei, encontrei felizmente a professora Dorilma Neves, pela qual tenho imenso carinho e respeito, e que também me ajudou a prosseguir na Ruralinda.

Já professor João Batista, em Teoria da Literatura 2, com sua simpatia e aulas sempre em formato de debate, me instigava a ler mais e mais. Graças ao empenho dele fui aprovada em Teoria 2, pois nunca soltou minha mão em nenhuma hipótese, mostrando para mim que eu era capaz!



Acervo pessoal: salas de aula do CEGOE

Dando um salto no tempo para 2023, volto para a disciplina optativa de Práticas de Oralidade e Práticas Letradas, com a professora Hérica Karina, nos demonstrava a importância das práticas de oralidade na escola e letramento, o que muito me entusiasmou com todo o seu conteúdo e discussões. Os trabalhos em grupo e em dupla nos faziam refletir coletivamente e nos aticavam a chegar em sala de aula, e a professora Hérica com sua maestria nos conduziu para entendimentos que muitas vezes não tínhamos ciência.

Mais um salto no tempo e agora chegamos a 2025. A optativa de Literatura Feminina Hispano-americana, para além de literatura, dialogava com a história e sua contextualização histórica. Sór Joana, entre outras intelectuais e escritoras, deu brilho aos meus olhos, e me fez pensar sobre a importância da educação e para onde ela pode nos levar. Uma mulher letrada, impedida de estudar em uma universidade só por ser mulher, porém como intelectual que era e cheia de estratégias de argumentações e retórica, trouxe para mim um novo olhar sobre o mundo colonial. Assim sendo, mais uma optativa proveitosa e cheia de riqueza. Dessa vez sob a batuta inspiradora da professora Brenda Carlos.

Nas minhas reminiscências, a professora Sherry Almeida sempre foi magistral nas suas aulas de literatura e Metodologia de Ensino da Literatura. Aprendi a ler e escrever muito mais poesia pelo seu estímulo constante, com base no qual todos os alunos sem exceção participavam de suas aulas, liam os textos em sala e tínhamos até declamação de poesia para além da teoria a prática. Desse momento, lembro-me especialmente de um poema de Fernando Pessoa (1996), o qual transcrevo a seguir:

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

(PESSOA, 1996, p.14)

Agora, acredito eu ser a hora de falar sobre os estágios e minhas experiências na monitoria em Psicologia 2, com a professora Teresa, perpassando também minha experiência no Diretório Acadêmico de Letras, como responsável pela parte de eventos. Neste período, organizamos a Semana de Letras, com a participação de vários alunos e professores.

Começo por ESO1 e desenvolvi as seguintes atividades: anamnese da escola, que consistia em ecologia escolar e entrevistas com o diretor e alguns professores de língua portuguesa. A partir dessas atividades, pude perceber a importância dessa disciplina, pois sempre nos deparamos com diversas realidades,

e ter essa oportunidade é crucial para nossa formação enquanto professores. Assim, em minha visão, os ESOS deveriam começar no terceiro ou quarto período quando já começa uma maturação das teorias aprendidas em sala para justamente serem postas em prática.

Em relação ao ESO 2, tive a feliz oportunidade de dividi-lo com Elieny, pois estávamos na mesma escola e na mesma sala (Colégio de Aplicação da UPE), cujos estudantes estavam sempre e participativos. A experiência foi com o sexto e sétimo ano e a professora-supervisora (Grace) foi sempre muito amigável e atenta às nossas questões, nos passando muito mais do que orientações, ou seja, nos passava exemplos claros de como ensinar numa prática centrada nas necessidades dos alunos.

Já o ESO 3 foi com a professora Conchita Salazar de Araújo, professora de espanhol do Núcleo de Línguas do Estado (sediado no colégio EREM Professor Mardônio de Andrade Lima Coelho), mesma escola onde foram realizados os ESO 1 e ESO 4. Nesta escola, vivi a experiência de ministrar aulas (regências) para crianças e pude observar também as aulas de jovens e adultos do curso de espanhol. Nessas aulas, tive contato a metodologia que contemplava a gamificação, a produção de desenhos autorais, entre outras atividades muito interessantes e enriquecedoras para mim.

No ESO 4, observei 20 aulas e fazer as e ministrei aulas sobre gêneros e tipologias textuais nos 1º anos A, B e C. O professor Daniel, sempre atento aos alunos, além de contemplar os conteúdos de língua portuguesa, promovia reflexões sobre as perspectivas de vida dos jovens e seus futuros após o término do ensino médio, com conversas muito pertinentes nesse momento da vida de cada um deles, já que a vida não se resume à prova do ENEM, concursos, trabalho. A vida também é direção e requer que pensemos todo o tempo sobre para onde estamos indo? O que podemos fazer para melhorarmos como pessoas? Dentre outros temas em sala de aula.

Quanto à monitoria com a professora Teresa, considero muito proveitoso a aprendizagem com os estudantes de letras e ciências biológicas. Confesso, nesta etapa do curso, enfrentei um dos maiores desafios, ou seja, conciliar as aulas com

a monitoria, já que ambas eram realizadas durante no turno da noite. Além disso, formava parte do Diretório Acadêmico de Letras João Cabral de Melo Neto, na gestão Voo Livre, com meus companheiros de curso Keivilly, Leonardo, Tiago, Lurian, David, Vanessa, Eduardo, Viviam, Maria Gabriela, entre outros integrantes.

Idealizar e organizar um Sarau de poesia era tudo que eu sempre quis fazer na universidade, além de uma cantoria para receber os estudantes ingressantes na semana de acolhimento, com um lanchinho e presença ativa de todo diretório, tanto na recepção dos alunos como também na Semana de Letras, com diversas reuniões com a coordenação, na época formada pela professora Valéria Gomes e professor Iêdo Paes, e na direção a professora Amanda Brandão, sempre prestativa com apoios e orientações.



Acervo pessoal: monitoria no curso de Ciências Biológicas

4. OS SONHOS: AS CASCAS DAS HORAS

Eu tinha um sonho (tenho ainda na verdade: ser intérprete de espanhol, tradutora, para além de professora. Amei literatura, linguística A, conhecer um pouco de diacronia e sincronia, linguística histórica, sociolinguística, conhecer línguas também em sua estrutura, nas aulas da professora Claudia Roberta, conhecer as teorias do discurso também foi fundamental para minhas escolhas antes deste memorial. Como havia dito, o encantamento por Mafalda e sua irreverência crítica, constantes em suas tirinhas, me impactou na infância. Nessas

horas, me pergunto se serei uma boa professora, uma boa profissional, pois coloco dedicação em tudo que faço.

Conhecer alguns colegas me fez querer crescer ainda mais como Keivilly, que realizou seu sonho de ir para a Espanha, passando em primeiro lugar na seleção que fez. Me dá orgulho e me volto para mim e meus sonhos; ela é tão capaz e tão disciplinada; então, acredito que esse exemplo luminoso carregarei comigo sempre, força e resistência às adversidades também. Também me inspira o amigo Gabriel Rodrigues, um exímio escritor acadêmico que ganhou uma menção honrosa pela qualidade de sua escritura em prosa. Eu o admiro demais.

A alegria dos meus amigos é a minha, são exemplos de superação e inteligência na minha vida! Para além da academia, quero fazer meus projetos artísticos mesclando espanhol, literatura, poesias minhas, teatro, música e dança, dado que vejo a arte com esse papel social, ou seja, imprescindível para a vida do ser humano e sua existência nesse plano material.



Acervo pessoal: hall do CEGOE

5. A TRAVESSIA: CAMINHANTE

O tempo passa
As horas são ora eternas ora efêmeras
E lá se vão os segundos e os milésimos
Na roda da vida existimos
Recriamos, nada é ceifado
Tudo transformado
Estrelas viram pó, pó vívido e púrpuro

Começo esta seção rememorando um poema de minha autoria, escrito em 16 de julho de 2020 e publicado na página Poesia e Dança, no Facebook, por refletir o momento que agora vivo neste memorial: momento de finitude, de agradecimentos e de muitos abraços – presenciais e virtuais.

Nunca fez tanto sentido, como agora faz, começar a falar de finitude e tudo o que ela leva ou traz: o caminho novo, o recomeço, o fechar das cortinas, as coxias lotadas, nos bastidores, a música, a dança, a poesia, que se mesclam na minha vida, existência terrena. Me levam para minhas recordações, reminiscências de músicas, de fatos, de histórias e seus desdobramentos, como no dia em que me apresentei no MILBA dançando uma coreografia de minha autoria, de uma música do maracatu Nação Pernambuco, chamada Repente Virado, que mescla coco e maracatu, num arranjo feito pelo meu pai, responsável pelos arranjos deste CD. Nesse momento em que falo/reflito sobre a finitude, rememoro que comigo no palco estava Micael Júlio, aluno também de letras da UFRPE, com quem celebrei esse grande momento no anfiteatro do CEGOE. Foi o MILBA que me possibilitou pisar num palco para cantar Como Nossos Pais e viver/sentir um grande desafio, cumprido com todo amor e que até hoje habita o meu peito.

De outras memórias em sala de aula, destaco a apresentação de uma microaula de literatura sobre lendas, juntamente com Elaine, Gabrielly e Maria Gabriela, onde soltei todo o teatro que existe aqui em mim, para contar a história de Iara, a mãe D'água, e reviver os textos de Câmara Cascudo no dicionário de folclore, ao qual tive acesso desde tenra idade em casa, e tantas outras

contribuições de livros que me formaram não só como leitora curiosa, infante, mas também como leitora mais adulta no curso de História, onde coleí grau aos 22 anos.

Das músicas que me atravessam nessa caminhada, estão os versos de Gilberto Gil (1982) quando canta “Quem poderá fazer aquele amor morrer? / Se o amor é como um grão / Morre, nasce trigo / Vive, morre pão. São esses versos que me fazem lembrar que a finitude nada mais é do que a inquietude da transformação/passagem, onde todos nós, em vários momentos da vida, encerramos ciclos e refazemos novos caminhos, porque tudo é cíclico como já diziam os gregos; tudo gira, estamos numa grande roda, cirandando ou rodando para um novo lugar, uma nova direção. Os caminhos são muitos, “mas todo caminho dá na venda”, como nos lembra a professora Sherry Almeida.

E buscando esse caminho sigo, cheia de inferno e céu, porque se mover pela vida é transitar nos polos e pelo caminho do meio e, logo, a travessia se faz, ou nas palavras de Caetano Veloso (1978), em *Pecado Original*: “O que fazer com o que Deus nos deu? O que foi que nos aconteceu? [...] a gente não sabe o lugar certo de colocar o desejo”.

A travessia não foi fácil, mas contei com várias pessoas que me orientaram e não soltaram minha mão pelo caminho. A professora Isabela Tavares, por exemplo, que mal chegou à universidade e deu um grande exemplo de compreensão e de atenção para comigo e minha turma 2 (turma na qual me encontro agora) explicando-nos que se faz necessário fazer bem-feito tudo o que nos propomos a fazer, “porém se de 10 fatias de uma pizza, temos 8, já temos o suficiente”, palavras ditas em sala de aula. Já o professor Antony Cardoso, no dia das crianças, nos trouxe pipocas de chocolate e livros para lembrarmos o quanto é importante nossa criança interior e o quanto a poesia sem reflexão não tem utilidade. Em suas aulas sempre liamos e declamávamos poesia para poder trazer seus conteúdos a superfície.

A professora Vicentina Ramires nos mostrou o quanto é importante ter empatia e defendermos nossas posições ideológicas frente a um mundo que está mergulhado no senso comum e nas sempre falaciosas frases e atitudes nas quais os interesses da pátria, família e religião estão juntos a serviço de quem mesmo? Não só discursos de políticos, mas de pessoas comuns que internalizam essas

formações imaginárias, que nada mais são do que construções que imbuímos a nós mesmos e aos outros (imagens, representações, símbolos).

E partindo desse macro para o microcosmos, sou grata a todos os professores e professoras que estiveram na minha formação, por me ensinarem para além dos conteúdos, para além do que está previsto nas grades curriculares. Em especial agradeço ao professor Mizael, pois eu não imaginava que ele aceitaria ser meu orientador, porque, no frígir dos ovos, realmente eu simpatizava com ele, sempre achei suas aulas valiosas e interessantes, aprendi muito sobre variados assuntos tanto do espanhol como do português, mas ao meu ver ele não tinha simpatia por mim – olha aqui, o funcionamento das formações imaginárias – ou era neutro perante o meu portar em sala de aula. Entretanto, se estou aqui hoje (d)escrivendo essas memórias, devo agradecer também a ele, que me incentivou e em nenhum momento me deixou desistir.

Registro também os meus agradecimento ao professor Iêdo Paes por todas as oportunidades dadas para eu mostrar minha arte na UFRPE; à professora Amanda Brandão, por sua generosidade e compreensão; à Nayara Fragoso, por todas as aulas e debates, que nos fizeram repensar sobre as metodologias de aulas para língua estrangeira; e claro à eterna professora Dorilma Neves a quem admiro profundamente por seu talento em nos fazer rir e chorar com seus discursos emocionantes, com sua alegria contagiante e suas aulas incríveis !

Cabe aqui também o imenso agradecimento a todos os meus amigos de outros cursos, Luiza de biologia sempre me aconselhando e me mostrando os meus potenciais, Adriano de ciências sociais, Luiz de história, com sua energia contagiante, Rafaela de engenharia, mas que já foi de história lá da UPE, Antônio Carlos e Imily de economia, Grace de química, entre outros que fizeram sorrisos partilhados no RU.

Da minha turma original eu sou grata a Manoela, Sidcley, Marcilio, Alan, Maria Eduarda, que nunca me trataram com indiferença apesar de todas as situações difíceis que atravessei no segundo período, para mim o verdadeiro inferno de Dante, mas que com ajuda deles foi mais fácil superar, porque tinha com quem conversar e desabafar!

Da minha turma atual, cabe aqui falar de Yasmim Vitória que me recebeu muito bem na turma, Thauanny, Sálvio, meu grande amigo, Emmily Ataíde, sempre solícita para comigo, e hoje sei que é muito raro, mas é clichê e não é: Ninguém solta a mão de ninguém! Elieny que me deu carona todo o estágio 2 para o colégio de aplicação da UPE, então o que eu posso dizer?

Muito obrigada a todas as pessoas citadas e as que não estão citadas também que me ensinaram como agir no mundo, num mundo onde a competição é feroz, mas amizade, o respeito e a consideração valem mais que ouro!

Me pego nas minhas memórias de travessia, lembrando da professora Renata Pimentel, professora de quem gosto muito por sua irreverência e postura, tanto que vejo claramente a arte pulsando dentro dela a todo momento. De certa feita lemos negrinha de Monteiro Lobato e eu chorei por dentro e ela percebeu com toda sensibilidade, entendendo o que causava aquela hesitação minha, aí o que a gente faz? Agradece quando os professores são humanizados e compreendem nossos limites emocionais, nossas dificuldades e potenciais.

Me despeço assim como fiz na primeira semana de Letras da UFRPE presencial: Eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão, eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera e enfrenta o leão... e vamos à luta! (GONZAGUINHA, 1980), nessa semana de letras na parte cultural declamei poesia e cantei essa música, tão cristalina em dizer que o que o brasileiro mais faz é (re)existir!

Portanto resistência, resiliência e luta são palavras-chave de fim de conversa, caro, leitor. Até mais ver!

A travessia não foi fácil, mas contei com várias pessoas que me orientaram e não soltaram minha mão pelo caminho. A professora Isabela Tavares, por exemplo, que mal chegou à universidade e deu um grande exemplo de compreensão e de atenção para comigo e minha turma 2 (turma a que me encontro agora) explicando-nos que se faz necessário fazer bem feito tudo o que nos propomos, “porém se de 10 fatias de uma pizza, temos 8, já temos o suficiente”, palavras ditas em sala de aula. Já o professor Antony Cardoso, no dia das crianças, nos trouxe pipocas de chocolate e livros para lembramos o quanto é importante

nossa criança interior e o quanto a poesia sem reflexão não tem utilidade. Em suas aulas sempre liamos e declamávamos poesia para poder trazer seus conteúdos a superfície.

A professora Vicentina Ramires nos mostrou o quanto é importante ter empatia e defendermos nossas posições ideológicas frente a um mundo que está mergulhado no senso comum e nas sempre falaciosas frases e atitudes nas quais os interesses da pátria, família e religião estão juntos a serviço de quem mesmo? Não só discursos de políticos, mas de pessoas comuns que internalizam essas formações imaginárias, que nada mais são do que construções que imbuímos a nós mesmos e aos outros (imagens, representações, símbolos).

E partindo desse macro para o microcosmos, sou grata a todos os professores e professoras que estiveram na minha formação, por me ensinarem para além dos conteúdos, para além do que está previsto nas grades curriculares. Em especial agradeço ao professor Mizael, pois eu não imaginava que ele aceitaria ser meu orientador, porque, no frigor dos ovos, realmente eu simpatizava com ele, sempre achei suas aulas valiosas e interessantes, aprendi muito sobre variados assuntos tanto do espanhol como do português, mas ao meu ver ele não tinha simpatia por mim – olha aqui o funcionamento das formações imaginárias – ou era neutro perante o meu portar em sala de aula. Entretanto, se estou aqui hoje (d)escrevendo essas memórias, devo agradecer também a ele, que me incentivou e em nenhum momento me deixou desistir.

Registro também os meus agradecimento ao professor Iêdo Paes por todas as oportunidades dadas para eu mostrar minha arte na UFRPE; à professora Amanda Brandão, por sua generosidade e compreensão; à Nayara Fragoso, por todas as aulas e debates, que nos fizeram repensar sobre as metodologias de aulas para língua estrangeira; e claro à eterna professora Dorilma Neves a quem admiro profundamente por seu talento em nos fazer rir e chorar com seus discursos emocionantes, com sua alegria contagiante e suas aulas incríveis !

Cabe aqui também o imenso agradecimento a todos os meus amigos de outros cursos, Luiza de biologia sempre me aconselhando e me mostrando os meus potenciais, Adriano de ciências sociais, Luiz de história, com sua energia

contagiante, Rafaela de engenharia, mas que já foi de história lá da UPE, Antônio Carlos e Imily de economia, Grace de química, entre outros que fizeram sorrisos compartilhados no RU.

Da minha turma original eu sou grata a Manoela, Sidcley, Marcilio, Alan, Maria Eduarda, que nunca me trataram com indiferença apesar de todas as situações difíceis que atravessei no segundo período, para mim o verdadeiro inferno de Dante, mas que com ajuda deles foi mais fácil superar, porque tinha com quem conversar e desabafar!

Da minha turma atual, cabe aqui falar de Yasmim Vitória que me recebeu muito bem na turma, Thauanny, Sálvio, meu grande amigo, Emmily Ataíde, sempre solícita para comigo, e hoje sei que é muito raro, mas é clichê e não é: Ninguém solta a mão de ninguém! Elieny que me deu carona todo o estágio 2 para o colégio de aplicação da UPE, então o que eu posso dizer?

Muito obrigada a todas as pessoas citadas e as que não estão citadas também que me ensinaram como agir no mundo, num mundo onde a competição é feroz, mas amizade, o respeito e a consideração valem mais que ouro!

Me pego nas minhas memórias de travessia, lembrando da professora Renata Pimentel, professora de quem gosto muito por sua irreverência e postura, tanto que vejo claramente a arte pulsando dentro dela a todo momento. De certa feita lemos negrinha de Monteiro Lobato e eu chorei por dentro e ela percebeu com toda sensibilidade, entendendo o que causava aquela hesitação minha, aí o que a gente faz? Agradece quando os professores são humanizados e compreendem nossos limites emocionais, nossas dificuldades e potenciais.

Me despeço assim como fiz na primeira semana de Letras da UFRPE presencial: Eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão, eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera e enfrenta o leão... e vamos à luta! (GONZAGUINHA, 1980), nessa semana de letras na parte cultural declamei poesia e cantei essa música, tão cristalina em dizer que o que o brasileiro mais faz é (re)existir!

Portanto resistência, resiliência e luta são palavras-chave de fim de conversa, caro, leitor. Até mais ver!

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. In: **Vozes e silenciamentos em Mariana**: crime ou desastre ambiental? São Paulo: Jornal da Unicamp, 2019. Disponível em: <https://www2.unicamp.br/estatico-2023/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva/>

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. In: PESSOA, Fernando. **Tabacaria e outros poemas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. 1ª. Edição, Rio de Janeiro: Mórula, 2021.